

10-2017

Confesso que vivo de recordações

António Loureiro

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Loureiro, A. (2017). Confesso que vivo de recordações. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/33>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

atividades as comunidades que aí se encontram. Se a memória não me falha, Padre Zélito tinha à sua responsabilidade as comunidades dos países de Polónia e de expressão portuguesa, incluindo Portugal com exceção do Brasil. Por lá passava uma boa parte do ano em visita e quando regressava a Roma deveria apresentar os relatórios com todas as dificuldades e problemas que encontrou para que juntos pudessem refletir e encontrar as justas soluções. “É um trabalho muito difícil e de grande responsabilidade.” Falou-me ele um dia, nas poucas conversas que tivemos ocasião de partilhar. Disse-lhe eu: “Com tanto trabalho que tens, como encontras tempo para cuidar da horta?” Respondeu: “Para além duma terapia para mim, porque me ajuda nos imensos problemas que temos de enfrentar, devemos dar exemplo de serviço, principalmente aos jovens que passam por aqui.”

Mesmo sendo um alto superior da congregação, Padre Zélito tomou à responsabilidade a horta que circundava a sua casa. De galochas e enxada na mão, como um bom penajoiense, trabalhava a terra e para ele ser superior ou um simples horticultor, a dignidade de serviço era a mesma. Como superior trabalhava para a congregação, como horticultor para a comunidade.

Connosco, Irmãs combonianas, por várias vezes fez partilha dos seus frutos: belas couves, alfaces, saborosos morangos, etc. Para além disto era um bom cozinheiro, dispondo-se sempre ao serviço dos seus Irmãos. Obrigada Padre Zélito, ser missionária é isso mesmo: humilde para saber estar com os outros, serviçal para poder ser mais para os outros. A tua passagem pela terra não foi em vão.

CONFESSO QUE VIVO DE RECORDAÇÕES

P. ANTÓNIO LOUREIRO

Ex-pároco da Penajóia. Pároco de S. Pedro de Paus e capelão militar

Aceitem esta minha confissão e perdoem este meu mau feitio, mas sou mesmo assim. Só sei viver assim e desejaria, mesmo, morrer assim.

Nem todas as recordações são felizes, mas todas são importantes para mim. Das más recordações guardo as mais eloquentes lições de vida. Também com elas aprendi a viver. Se não são motivo de glória... serviram para purificar as minhas intenções e robustecer as minhas convicções, corrigindo pontualmente aquilo que não conduzia nem à virtude, nem... a nada.

As boas recordações... sim, as felizes, aquelas que sustentam a minha pessoa, afirmam o meu credo, definem o meu temperamento, ilustram o meu jeito de homem, desafiam a minha solicitude de irmão, amigo, Padre... dessas tenho sempre mais dificuldade em falar. E não consigo esquecer.

Pois é... falando pouco, direi tudo. Sei que as guardo registadas na minha agenda e escondidas no cofre-forte da minha alma. Algumas escritas de forma tão codificada que só eu e Deus sabemos decifrar. E basta. Vejam só, transfiro de ano para ano todas as notas da agenda.

Todas. Todas. Datas e acontecimentos com tantos anos de recordação em cada dia com a beleza e a desventura, a alegria e o desencanto, o riso e as lágrimas, o triunfo ou o fracasso daquela hora ou momento. Limito-me a abrir a agenda. E faço passar diante de mim pessoas, situações... que quase venero.

No dia 19 de novembro é, para mim, um desses dias felizes por tudo aquilo que de maravilhoso posso recordar. Um dia cheio de excelentes recordações. Já passaram 16 anos. E tudo permanece tão fresco, tão próximo e tão atual. Sei que era domingo. E naquela manhã de outono o sol brilhava festivamente quando cheguei à Penajóia para me apresentar como pároco daquela comunidade paroquial.

Continuo a sentir o perfume dos cravos e a candura do menino que os entregou. Oiço ainda as palavras de boas-vindas que me foram dirigidas e sinto o abraço caloroso do amigo que em nome da comunidade me acolhia como irmão.

Tudo começou assim. E começou bem. Tão bem que não consigo viver sem, dia a dia, fazer passar diante de mim tão ricas recordações. Não devo referir o nome de ninguém. Diante de todos me inclino respeitosamente.

A todos felicito e agradeço: pela amizade, pela dedicação, pela colaboração, pela compreensão... por tudo, que foi tanto. Penajóia foi o meu segundo e último amor!...

Mas deixem-me referir o nome do P. Zélito. Pouco mais velho e, por isso, quase irmão. O Zélito ordenou-se, creio eu, no ano em que eu era seminarista-estagiário na Penajóia, portanto dois ou três anos antes de mim. Amigo desde essa altura, mas particularmente próximo desde o dia em que assumi o encargo de paroiar a sua querida terra.

Confesso que me marcou profundamente a pessoa do P. Zélito. Delicado, dialogante, próximo e amigo. Homem de trabalho e de oração. Amigo da terra que o viu nascer e particularmente dedicado às pessoas que amava e sentia como familiares. Sorridente e otimista. Tinha, sobretudo, a capacidade de adornar todos os atributos com que o Criador o enriqueceu com uma disponibilidade fantástica. Nunca apareceu na paróquia sem avisar, disponibili-

zando-se para colaborar ou substituir. Que jeito fazia!... Que belo testemunho de igreja deixava!... Sempre me impressionou o modo como Deus conseguiu encaixar num corpo tão pequeno, uma alma tão grande... e a capacidade como desvalorizava aquilo que parecia ser tão importante.

Acredito, pois, que quem assim se soube humilhar, na terra, diante de irmãos e amigos... se há-de sentir já exaltado junto de Deus, no Céu. Parabéns. P. Zélito eu acredito e pude testemunhar o quanto tu acreditavas também. Obrigado. Rezarei por ti sempre que te recorde com saudade e gratidão.

Junto ao teu e nosso Santíssimo Salvador intercede por todos aqueles que te conservam vivo em seu coração. Até...

MISTÉRIO DA FÉ

P. RUI MANUEL RIBEIRO

Natural da Penajóia, pároco de Caria e Carregal

A pedido do nosso Pároco e meu ilustre condiscípulo e do P. Tony vou partilhar, convosco, este testemunho acerca do conterrâneo e irmão no sacerdócio Zélito. Já foram muitas as situações e ocasiões em que me deparei com a celebração da morte. É sem dúvida um momento dolorosíssimo. Enquanto aquele que preside a esses momentos, houve, ao longo de todos estes anos de vida sacerdotal, uns mais dolorosos outros menos, consoante o conhecimento que temos das pessoas.

Em novembro quando na companhia dos colegas sacerdotes da nossa terra e do nosso pároco visitamos, no Porto, o P. Zélito facilmente percebi a gravidade do seu problema de saúde. Fiquei extremamente impressionado com a sua serenidade.

Sem grandes comentários com os presentes apercebi-me da missão insubstituível da Mãe, da Tia e da irmã que o acompanhavam. Comparável à missão da Virgem Maria no calvário junto da Cruz do Senhor.

Perante tantas questões que me ocorreram encontrei para o que estava a acontecer esta resposta – é o mistério da nossa Fé.

Mistério que se iluminou com as boas recordações do seu apostolado missionário na Penajóia: as campanhas missionárias dos Jovens Sem Fronteiras, a sua Missa Nova, as permanentes ajudas e colaboração com os Párocos da nossa terra, as bodas de prata Sacerdotais...

Agora ele faz parte do Mistério da Fé e nós continuamos a caminhar para o podermos um dia alcançar.